

FACULDADE UNINA
CURSO DE PEDAGOGIA

SUELEN RIBEIRO DE LIMA DAVID

**A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO PARA A CONSTITUIÇÃO DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA**

CURITIBA
2020

SUELEN RIBEIRO DE LIMA DAVID

**A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO PARA A CONSTITUIÇÃO DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Faculdade UNINA

Orientadora: Prof.^a Sonia Maria Packer
Hubler

CURITIBA

2020

FACULDADE UNINA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 13/11/2020, reuniu-se a banca para a defesa do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, da acadêmica: Suelen Ribeiro de Lima David, intitulada: A importância de Monteiro Lobato para constituição da literatura infanto-juvenil brasileira. A banca examinadora, sob a presidência da Prof.^a Mestre Sonia Maria Packer Hubler, foi constituída pelos (as) professores (as) José Francisco Coelho e Elizabeth Nater. Após exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes que analisaram o trabalho e decidiram pela sua aprovação com a nota 10. Para constar foi lavrada a presente Ata que depois de lida e aprovada vai assinada pelo presidente da banca, membros da banca e o/a acadêmico/a.

Observações: _____

Presidente

Membro da banca

Membro da banca

Acadêmico (a)

Curitiba ____ de _____ de 2020.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelo dom da vida, e por me sustentar, me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos ao longo do curso.

A minha mãe, que sempre será meu maior exemplo, que me incentivou nos momentos mais difíceis, sempre me encorajando a nunca desistir.

A meus irmãos, minha família, que sempre acreditaram no meu potencial, e contribuíram de várias formas.

A minha orientadora, Prof.^a Sonia Maria Packer Hubler, pelo incentivo, pela sua paciência, pela sua forma significativa como contribuiu para elaboração deste trabalho, e por sempre me apoiar.

A todos os professores que participaram e contribuíram para minha formação.

A minhas colegas que percorreram esta jornada comigo, em especial, a minha amiga Nádia França, que me acompanhou do início ao fim, e sempre me incentivou e acreditou em mim nos momentos mais difíceis.

A meu namorado, Cauan Matheus, pela sua paciência, seu incentivo, por me acalmar em momentos de crise, por me apoiar sendo meu ouvinte durante a construção deste trabalho.

Agradeço também a todo corpo docente da Faculdade Unina, porque sem eles, nada disso seria possível.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata da importância da Literatura Infantojuvenil de Monteiro Lobato e tem como proposta responder à seguinte pergunta: Qual a importância de Monteiro Lobato para constituição da literatura infantojuvenil brasileira? Estipulou-se como objetivos específicos: apresentar uma breve biografia de Monteiro Lobato; identificar as principais inovações introduzidas pelo autor em relação à literatura produzida para crianças até sua época; caracterizar alguns dos personagens das obras de Monteiro Lobato para crianças. Para cumprir os objetivos propostos, buscou-se reunir informações por meio da pesquisa bibliográfica, a partir de autores como Lajolo (2000), Martinele (2014), Sandroni (2016), Coelho (1991), Cademartori (1994), entre outros. Por meio da pesquisa realizada foi possível identificar que as obras infantis de Monteiro Lobato foram de extrema importância para a literatura infantil brasileira, bem como a inovação que trouxe para a literatura destinada a crianças e jovens, visto que foram precursoras nesse quesito e influenciaram diversos autores brasileiros de literatura infantojuvenil.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Monteiro Lobato; Personagens.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1- MONTEIRO LOBATO	8
1.1 BIOGRAFIA	8
CAPÍTULO 2 - MONTEIRO LOBATO E A INAUGURAÇÃO DE UMA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA	14
2.1 CARACTERÍSTICAS MARCANTES DA OBRA DE LOBATO	14
CAPÍTULO 3- PERSONAGENS	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DE ALGUNS PERSONAGENS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27

INTRODUÇÃO

Atualmente, é comum que, ao se falar em Monteiro Lobato, as pessoas tenham um conhecimento prévio sobre o autor, e automaticamente o liguem aos seus livros sobre o Sítio do Pica Pau Amarelo, contudo a grande maioria desconhece a relevância do autor para a constituição da literatura infanto-juvenil autenticamente brasileira. Lobato compreendeu a criança como criança, introduziu no mundo da leitura novos ambientes e personagens, valorizando o simples e comum, levando os pequenos leitores a se imaginarem nas histórias, já que os contos se passam num ambiente mais próximo da realidade deles. Além de inserir em suas histórias elementos imaginários, incorporava elementos pedagógicos, com o objetivo de ensinar e, ao mesmo tempo, divertir seus leitores.

A obra literária lobatiana dedicada a crianças e jovens nos incita a procurar desvelar qual “Pó de pirlimpimpim” orientou sua criação, dando vida, de uma forma mágica, a tantas aventuras encantadoras. Daí a importância de entender, assim como Lobato entendeu, que a literatura infantil deve ser totalmente centrada na criança, visto que está sendo escrita para ela.

Ao longo da minha trajetória como docente na Educação Infantil, eram realizadas contações de histórias com os livros escritos por Lobato. Embora apresentassem as histórias, ou algum personagem de Monteiro Lobato, não era apresentado um conhecimento a fundo sobre a importância das histórias ou sobre o autor. Muitas das vezes, utilizavam alguns de seus personagens para alguma atividade pedagógica lúdica.

Uma vez que o autor escreveu suas histórias visando também transmitir conhecimento, suas obras poderiam ser usadas com o objetivo de ensinar, e não somente com uma simples contação de história. Dessa forma, surgiu a ideia de realizar um estudo sobre a importância de Monteiro Lobato para a Literatura Infantojuvenil brasileira.

As informações reunidas neste trabalho por meio de pesquisa bibliográfica têm como propósito responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual a importância de Monteiro Lobato para constituição da Literatura Infantojuvenil brasileira? Estabeleceu-se que o objetivo geral seria enfatizar a importância do autor para Literatura Infantojuvenil brasileira. Para empreender a pesquisa, estipularam-se os seguintes objetivos específicos: apresentar a biografia de Monteiro Lobato,

identificar as principais inovações introduzidas por Monteiro Lobato em relação à literatura produzida para crianças até sua época, caracterizar alguns dos personagens das obras de Monteiro Lobato para crianças.

Como já mencionado, o método de pesquisa empregado foi a revisão bibliográfica. Como referência, foram utilizadas obras de teóricos de renome na área da literatura, como Marisa Lajolo, Regina Zilberman, além de artigos científicos e trabalhos como dissertações de mestrado encontrados no Google Acadêmico.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro consiste em apresentar uma breve biografia sobre Monteiro Lobato. No segundo capítulo, são apresentadas as inovações inseridas por Lobato em sua literatura infantojuvenil. Por fim, o terceiro capítulo consiste em caracterizar alguns dos personagens criados pelo autor.

CAPÍTULO 1- MONTEIRO LOBATO

Este capítulo tem como propósito apresentar detalhes da vida de Monteiro Lobato, no intuito de explicitar fatos históricos que o cercavam, buscando mostrar seus caminhos percorridos, suas escolhas, bem como as diversas situações que o levaram a produzir suas obras para crianças e jovens.

1.1 Biografia

A expressão Sítio do Pica-Pau Amarelo, no Brasil, remete a várias lembranças carregadas de aventuras e de imaginação. As histórias de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) eram as mais lidas e aprovadas, por crianças, jovens e adultos por volta dos anos 80 e 90 (MARTINELE, 2014).

José Bento Renato Monteiro Lobato, conhecido popularmente apenas como Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Além de escritor, envolveu-se em muitas outras profissões. Homem multifacetário, Monteiro Lobato pode ser classificado como escritor, literário, editor, empresário, tradutor, advogado, fazendeiro, jornalista polêmico, participou da campanha do petróleo. (SANDRONI, 2016, p.415).

Para Martinele (2014), pode ser considerado multifacetário não por assumir várias personalidades ao longo da vida — afinal sua personalidade foi bem definida e ancorada — mas por ser um homem forte, inquieto e fanático, que não se adaptava a situações que não lhe proporcionassem crescimento pessoal, intelectual ou financeiro. No entanto, sabe-se que um dos seus ofícios preferidos foi o de escritor.

Juca, como era chamado por seus familiares, era um garoto de classe alta. Seu avô era um Visconde que tinha uma grande influência sobre a região de Taubaté. Edgar Cavalheiro (1911-1958), o autor da mais completa biografia de Monteiro Lobato, descreveu uma visita do Imperador D. Pedro II à província de São Paulo em 1888. D. Pedro II, nessa visita, hospedou-se na casa do Visconde, que era, de todas da região, a residência de maior porte para receber tão respeitável visita — o Visconde possuía a maior autoridade e controle na região. (CAVALHEIRO, 1962 apud MARTINELE, 2014, p.26).

A chácara de seu avô foi o espaço de maiores lembranças da infância de Lobato, principalmente por possuir uma biblioteca, lugar que o encantava pelas figuras e qualidade dos desenhos, mas que, ao mesmo tempo, eram assustadoras quanto ao seu conteúdo, por não serem livros destinados ao público infantil. Martinele (2014) afirma que a partir de cinco anos, os livros começaram a ser balbuciados, juntamente quando Olympia Augusta Monteiro Lobato, que era professora de primeiras letras e mãe de Monteiro Lobato.

João Felpudo foi o primeiro livro dado a Lobato pela mãe. É possível verificar que esse livro o aproximou das primeiras letras, mas isso não descartou a atividade de a mãe ler em voz alta. (EDGAR CAVALHEIRO apud DEBUS, 2001, p.37).

No ano de 1889, foi inaugurado o primeiro Colégio Particular em Taubaté e Monteiro Lobato começou a cursar o ensino preparatório. Passou por cinco colégios particulares que abriram e fecharam em Taubaté (LAJOLO, 2000 apud MARTINELE, 2014). Porém, somente as famílias de classe alta, ou seja, famílias ricas garantiam a educação de seus filhos, como foi o caso de Monteiro Lobato.

Com 13 anos, Monteiro Lobato vai sozinho para São Paulo prestar exames para o Instituto de Ciências e Letras, para ingressar na faculdade de Direito: “Foi reprovado em português! No final de 1896, prestou novos exames e foi aprovado.” (SANDRONI, 2016, p. 416). Durante esse período, no final de 1896, aprimorou o hábito que carregou por toda vida: escrever cartas. Eram diversos destinatários, sua mãe era a principal. Nas cartas, escrevia desde suas finanças e até mesmo sobre satisfações referentes a seus afazeres e notas. (MARTINELE, 2014, p.31).

Em 1898, com 15 anos, Lobato perdeu seu pai e, no ano seguinte, sua mãe. Assim sendo, seu avô ficou responsável por ele e suas irmãs. Isso coincidiu com o momento em que Lobato deveria escolher sua profissão. E, aos 18 anos incompletos, em 1900, ele entra para a Faculdade de Direito por imposição de seu avô. Imposição que acabou sendo mais forte do que a vontade de Lobato em não fazer faculdade de Direito, e sim em fazer Belas artes. Segundo Sandroni (2016), até então era sua primeira opção, desde criança sempre demonstrou interesse pelas ilustrações dos livros da biblioteca de seu avô.

De acordo com Lajolo (2000), citado por Martinele (2014, p.37), Monteiro Lobato formou-se em 1904 e, nesse mesmo ano, voltou para Taubaté. Nesse período, reencontrou com a filha de seu velho professor de xadrez, Maria da Pureza Natividade, e se apaixonaram.

Em 1905, Lobato e Purezinha, forma carinhosa como a apelidou, firmam o namoro. Porém, em 1906, já com planos de se casar, Monteiro Lobato assume a promotoria de Taubaté. Então, em 1907, Lobato fica noivo de Maria, e por estar em busca de um cargo com posição mais estável, ele aceita um cargo público em Ribeirão Preto, cidade do oeste Paulista (MARTINELLI, 2014). Sendo formado em Direito e neto de um Visconde politicamente muito influente, isso o ajudou a conseguir o cargo de promotoria efetiva da Comarca de Areais, e, mesmo considerando a cidade pouco atrativa, casou-se nela em 1908, permanecendo lá até 1911.

Durante os quatro anos em que viveu em Areias, Monteiro Lobato se casou e teve dois filhos. Com o passar dos anos, ele quis mudar de vida, porque não se adaptava à vida estável e não tinha esperança de mudança e crescimento. Mesmo casado e com dois filhos, não conseguiu se acostumar a viver em uma cidade de interior, e continuava procurando formas de escapar da tranquilidade que aquela cidade lhe proporcionava. Lobato sentiu necessidade de experimentar coisas novas e sonhava em ficar milionário. Mas, longe disso, Lobato traduzia e escrevia cartas para aumentar a renda e sustentar sua família. (LAJOLO, 2000 apud MARTINELE, 2014).

Em 1911, seu avô morreu e Lobato mudou-se para Taubaté para a fazenda deixada como herança pelo seu avô, passando de promotor a fazendeiro. Lobato sonhava grandiosamente com o futuro de sua fazenda, sua ideia era torná-la rentável, acreditava que poderia enriquecer através do plantio e até mesmo do cruzamento para melhorar a criação dos animais. Investiu tempo e dinheiro, mas foi impactado de forma negativa devido ao solo estar cansado e não produzir o que ele imaginara. Nesse mesmo período, ocorrerá a Primeira Guerra de 1914, causando-lhe ainda mais prejuízo de forma política e econômica. (SANDRONI, 2016).

Sandroni (2016) relata que insatisfeito com toda essa situação, Lobato escreveu o artigo “Velha Praga” e o publicou no jornal Estado de São Paulo. Nesse artigo, criticava o hábito do caipira de pôr fogo no mato. O texto foi um grande sucesso e seu protagonista, Jeca Tatu, tornou-se famoso e notório. Lobato também escreveu outro artigo, “Urupês”, que fazia uma mesma crítica violenta ao caboclo. Ele foi convidado para conferências e ficou muito conhecido em São Paulo. O sucesso o empolgou, então decidiu vender a fazenda.

Após a venda de sua fazenda, Lobato deu mais uma guinada em sua vida em 1918, comprando a Revista do Brasil. Iniciou sua carreira de editor e criou uma editora, "de um lado como autor, de outro empresário, fundando editoras, como a Monteiro Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense, e publicando os próprios livros" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984,p. 46). Antes de Lobato, os livros eram impressos em Portugal. Lobato, fundando suas editoras, inicia o movimento editorial brasileiro.

A partir disso, tornou-se pioneiro nesse campo, porque, como as histórias eram escritas e editadas na Europa (Portugal e França), ele se destacou por fazer isso no Brasil. "A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje..." (COELHO, 1991, p. 225).

Em 1920, Monteiro Lobato interessou-se pela literatura infantil e começou a escrever seus livros infantis. Esse é um período de profundas mudanças no ambiente educacional brasileiro. Segundo Martinele (2014), Monteiro Lobato inovou a temática das histórias Infantis, apresentando suas próprias obras, com o lançamento de A menina do narizinho arrebitado, em uma linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira. Lobato foi o autor que percebeu que o mundo da criança era diferente do que o adulto via, e assim reconheceu a necessidade de se produzir o gênero numa forma que despertasse o interesse das crianças.

A menina do narizinho arrebitado fez muito sucesso, já de início vendendo 50 mil exemplares para serem distribuídos nas escolas. Isso fez com que ele fosse lembrado por muitos leitores. Conforme Sandroni (2016), a partir dessa obra, ele deu início à saga do Sítio do PicaPau Amarelo, um "universo paralelo" com seus memoráveis personagens, Dona Benta, Tia Anastácia, Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde, mas não imaginava que seus personagens iriam se tornar míticos, eternos.

Continuou publicando seus contos, editando seus livros. Porém, nesse meio tempo, ocorreu a revolução paulista de 1924, quando houve racionamento de energia elétrica na cidade de São Paulo e as máquinas da gráfica não puderam mais trabalhar. A situação se deteriorou, fazendo com que a editora falisse. No ano seguinte, Lobato e seu sócio, Octales Marcondes, abriram uma nova empresa, a Companhia Editora Nacional.

Em um novo ciclo, Monteiro Lobato vai para Nova York em 1927, a convite para ser adido comercial junto ao consulado brasileiro em Nova York. Ficou impressionado com tudo que viu, era tudo diferente do que estava habituado no Brasil. Em vista disso, fixou a ideia de que o Brasil só iria enriquecer pela exploração do ferro e do petróleo. Assim, engajou-se em campanhas cívicas pregando sobre isso, mas, devido à crise de 1929, perdeu todo seu dinheiro na bolsa de valores norte-americana (SANDRONI, 2016, p. 422).

De volta ao Brasil, sem dinheiro, Lobato vendeu suas ações da editora e voltou a se manter de suas histórias, artigos, traduções e livros infantis. Em 1931, ele lança *Reinações de Narizinho*, que contém diversos contos que escreveu para crianças na década de 1920. Desde então, publicou mais de 20 livros infantis até o fim da vida. (SANDRONI, 2016, p. 422).

Martinele (2014) relata que, em 1946, descontente com a política do Brasil, muda-se para Argentina, instalando-se em Buenos Aires. Lobato possuía 37 livros publicados nesse país, onde a turma de Dona Benta tinha muito sucesso, causando um apressado do autor por esse lugar.

Em seus últimos anos de vida, finalmente Lobato ficou em seu escritório dedicando-se a seus livros, entrevistas e respondendo a muitas cartas de crianças que queriam fazer parte das mágicas aventuras do sítio, como esse trecho de uma carta enviada de um leitor para Monteiro Lobato:

Bom dia, senhor Monteiro Lobato. Sabe que eu ganhei o seu livro *O Saci*? Já tenho outro, mas o Saci é o mais engraçado. Eu me ri a valer quando o Saci puxou o Cabelo da Yara. Que pena que a gente nasce gente e não Saci! (SANDRONI, 2016, p.422).

Antes de morrer, Lobato se despede de seu grande amigo Rangel:

Adeus, Rangel!! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além? Tenho planos, logo que chegar lá, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu – e a 1ª comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as suas dúvidas. (LOBATO, 1946b, p. 385 *apud* MARTINELE, 2014, p.56).

Godofredo Rangel é amigo de Lobato desde o curso de Direito, quando faziam parte do “Cénaculo”, um grupo onde publicavam artigos em jornais, escreviam denúncias, tinham a liberdade de escrever o que quisessem, sem se preocupar com o entendimento de seus leitores. Lobato criou o hábito de trocar cartas com Rangel em 1903, no período de férias da faculdade, tornando-se frequente e detalhista a partir de 1904. Lobato nunca se desvincula do amigo, visto

que se correspondem até o último ano de vida de Lobato. (MARTINELE, 2014, p.37).

Em 4 de julho de 1948, perde-se esse grande homem. Lobato, vítima de um derrame, morreu na capital de São Paulo, aos 66 anos, partindo e levando com ele a compreensão de como era popular e amado por seus leitores, encerrando assim o projeto de toda sua vida. (SANDRONI, 2016, p. 422).

CAPÍTULO 2 - MONTEIRO LOBATO E A INAUGURAÇÃO DE UMA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Este capítulo tem como objetivo identificar as principais inovações que Monteiro Lobato trouxe para sua literatura infantil. Em um primeiro momento, enfatizando por que o autor foi considerado um dos maiores revolucionários desse campo. Em seguida, aborda-se o olhar que Monteiro Lobato tem sobre as crianças. Na sequência, são apontados os elementos que o autor considerava de suma importância incluir em seus livros, como o folclore, a imaginação e a diversão.

2.1 Características marcantes da obra de Lobato

Monteiro Lobato foi o grande pioneiro da Literatura Infantojuvenil no Brasil, considerado um dos maiores revolucionários da Literatura brasileira, trouxe com ele um novo olhar para seus textos, fugindo de uma reprodução de clássicos estrangeiros. O autor enxerga a criança com um novo olhar, e a utiliza como inspiração para sua própria literatura clássica infantil. Escreveu histórias usufruindo de suas fantasias, aventuras e tudo que povoava sua imaginação. Foi pensando na criança, e a entendendo como tal, que o autor construiu seu mundo maravilhoso, onde tudo se tornava natural, mediado pelo folclore de seu povo, o que para ele, era indispensável à obra infantil (CARVALHO, 1993).

De acordo com Pereira (2010), a Literatura Infantil que existia antes de Lobato seguia o mesmo padrão das traduções, e não se tinha o real interesse em fazer uma literatura infantil usando elementos que já fossem conhecidos dentro da cultura brasileira. Lobato pensava e escrevia de forma totalmente contrária e valorizava as lendas e tradições brasileiras:

A Literatura infantil praticamente não existia no Brasil. Antes de Monteiro Lobato, os escritos extraíam dos velhos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando frequentemente as lendas e as tradições brasileiras para colherem, nas tradições europeias, matéria, para suas histórias. E, se pouco ou nada de original escreviam, as traduções eram também raras e irregulares, fornecendo um balanço na própria produção. Monteiro Lobato considerava criminoso não aproveitar a onda favorável para empreender de uma vez por todas a renovação da literatura infantil no Brasil (PEREIRA, 2010, p.4).

Visto que as crianças eram colocadas em segundo plano, e a sociedade pouco se importava com a linguagem usada na literatura destinada a elas, ou a temas que fossem instigar ou não esse público, era comum traduções com outras realidades, com um distanciamento de realidade e linguístico enormes. Dessa forma, as crianças não se identificavam com o que liam, eram meras produções, não continham imaginação, criatividade. (PEREIRA, 2010).

Segundo Escosteguy (2016), caracterizar a obra de Monteiro Lobato é primeiramente entender que as histórias criadas pelo autor envolvem um mundo que manifesta fantasia, criatividade. O autor cria uma ficção sem nenhuma fronteira entre o imaginável e inimaginável, tudo é natural. Lobato escrevia de uma forma que, quando lida, tornava-se real. No mundo de suas histórias e contos, tudo era possível, tudo era permitido, até mesmo ir à lua, para isso bastava apenas imaginar um meio de transporte e pronto, chegava-se lá.

Monteiro Lobato, com suas obras, disponibilizou às crianças brasileiras um contato mais próximo ao seu universo. Seus personagens eram baseados no folclore brasileiro, caracterizando então, o caráter nacionalista de suas histórias. Elas provocavam o imaginário das crianças, despertando ainda mais o interesse delas. Suas histórias, no entanto, também apresentavam um caráter delator, abordando fatos políticos, sociais e econômicos. O autor apresentou o meio rural de um jeito diferente, fazendo com que a maioria das pessoas deixasse de ver como um meio constituído por seres humanos ignorantes, que, por terem uma vida simples, significava que suas vidas se resumiam somente a trabalhar na roça e viver daquilo que a terra lhes oferecesse. Monteiro Lobato deixa muito clara a forma de perceber o folclore, o ruralismo e o nacionalismo em seu universo narrativo (MELO e MULLER, 2017).

Segundo Ligia Cademartori (1994, p. 51):

Monteiro Lobato estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para interlocução com o destinatário. A discordância é prevista.

O autor escreve, instiga seus leitores para que conheçam essa realidade, contudo, sabe e entende que eles têm a liberdade de concordar ou não, e oferece esse espaço de resposta, sendo uma resposta positiva ou crítica para seus textos.

Conforme Zilberman (2005), Lobato, em suas histórias, repetia seus personagens, de forma que não precisava inventar novos personagens a cada nova

aventura que escrevesse. Era somente necessário criar outras aventuras, com mistérios desafiadores, para os mesmos personagens, que sempre estavam prontos para o que viesse.

O folclore é um dos temas que aparece com mais frequência nas obras infantis de Lobato, que utiliza esses elementos para aguçar sua criação literária. Nos livros infantis *O saci* e *Histórias de Tia Anastácia*, o folclore aparece como tema principal: Tia Anastácia, constrói um elo entre o mundo racional e o mundo das superstições e crendices; Dona Benta, representada por superstições e crendices próprias, e o tio Barnabé representa um universo enigmático de uma cultura ancestral, do folclore e dos elementos desfalecidos (MELO e MULLER, 2017).

Mesmo suas narrativas sendo de quase total fantasia, consegue-se encontrar vários ensinamentos, valores, instruções em volta de situações lúdicas que o autor escreve. Lobato oferece uma identificação fácil de ser percebida por seus leitores, criando um cenário simples, uma fazenda, onde habitam personagens simples, oferecendo uma identificação expressiva entre seus leitores e suas obras. Além disso, Lobato ainda apresentava sua visão a respeito da educação e da relação que as crianças deveriam estabelecer com ela (BARBOSA, 1996, p.85 apud MELO e MULLER, 2017). Os autores ainda destacam que os livros, além de oferecerem o caráter imaginário e a narrativa, oferecem também muita informação e conhecimento didáticos, mas, ao mesmo tempo, as obras com caráter mais didático trazem uma estruturação com elementos imaginários, descrevendo ações ou diálogos dentro de suas histórias.

De acordo com Escostuguy (2006, p. 01)

No interior de suas obras, Lobato faz acontecer as coisas mais absurdas com toda a naturalidade: sem explicar, sem justificar, sem dizer como foi que aconteceram. Assim, logo no início da saga do Sítio do Picapau Amarelo, é com muita naturalidade que o narrador onisciente, onipresente e onividente dessa história, que começa "à beira da água" – um rio um tanto indeterminado e indefinido existente no Sítio – leva o leitor para o caminho do encantamento, onde não há diferença nem separação entre o real e o imaginado.

Reinações de Narizinho é uma das obras de Lobato na qual ele apresenta elementos claros do imaginário, em que Narizinho, às margens do lago, inicia uma conversa com um peixe e o acompanha pelo Reino das Águas Claras, em um mundo escondido no fundo do mar. Torna-se um dos exemplos sem que Lobato vai incluindo aos poucos suas ideias, e de como via uma maneira de escrever usando informações para instruir e educar (ESCOSTUGUY, 2006).

Em 1920, o primeiro livro que lançou destinado ao público infantil. A menina do narizinho arrebitado, é uma obra onde surgem suas personagens, uma avó, a neta órfã, Lúcia, e sua boneca de pano, Emília, e a negra Anastácia. Assim que o lançou, a crítica sobre ele foi muito favorável. Lobato deu à literatura infantil uma nova aparência, escrevendo-a e olhando-a com outros olhos, assim trazendo ao público infantil suas obras criativas e vivas.

Por ele a criança criará gosto pela leitura, sentirá que o livro não é apenas um instrumento de disciplina, mas um campo maravilhoso para expansão de um mundo interior, reprimindo ou apenas pressentindo. É um livro que estimula a vida, que fecunda a imaginação, que desperta a curiosidade. (ATAÍDE, 1921 apud ESCOSTEGUY, 2006 p.3).

Não se pode duvidar do grande valor da invenção literária de Lobato e nem enfatizar que o sucesso que garantiu com seus leitores foi somente por sua grande imaginação, por inventar seus personagens e aventuras cheias de criatividade e de humor. Seu mérito está em criar uma perfeita sintonia em sua matéria literária, interligando-a com suas ideias e valores que lhe serviram de base, e o conjunto de ideias de época em que elas foram escritas (ESCOSTEGUY, 2006).

Nas obras relacionadas ao Sítio do Picapau Amarelo, Lobato faz uma representação das antigas fazendas paulistas, com o ruralismo que as caracterizam. Na obra O poço de Visconde, a intenção de Lobato é representar o Brasil. Em A chave do tamanho, o autor apresenta o Brasil que almejava ver, o Brasil que desejava estar vivendo. (VALE, 1994, p.46 apud MELO, MULLER, 2017, p.6).

Outro ponto pelo qual Lobato se destacou em suas obras foi a linguagem. Ele constrói uma simplicidade jamais vista até então em obras literárias. Monteiro usa termos habituais, já pertencentes à cultura popular brasileira, e também cria suas próprias palavras, trazendo para suas narrativas várias "modernices", como: emilice, sabuguiano, pirimpimpim. (MELLO, MULLER, 2017).

O Sítio é um reino encantado, habitado por seres cuja vida mistura a realidade e a fantasia. Lobato, quando pensou no Sítio do Picapau Amarelo, criou um reino de liberdade, onde se tinha liberdade do que ser, do que fazer, de pensar e de tomar decisões. A vida no Sítio é um eterno vínculo entre o brincar e o aprender (ESCOSTEGUY, 2006).

Em seus livros infantis, Lobato coloca seus personagens, Narizinho, Pedrinho e Emília, que são crianças no Sítio do Picapau Amarelo, como figuras centrais em

todos os processos. No livro *Reinações de Narizinho*, logo nas primeiras frases, o autor narra a felicidade de Dona Benta por ter a companhia de sua neta:

Numa casinha branca, lá no Sítio do Pica-Pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada a vê pela varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:
- Que tristeza viver assim tão sozinha deste deserto...
Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas. (LOBATO, 1996, p.5 apud MARTINELE, 2014, p. 155)

Para Martinele (2014), Lobato escreve justificando como se a felicidade daquela avó fosse causada pela sua neta “Lúcia”, ou seja, Narizinho, centralizando a figura de Narizinho na história. Assim, pode-se constatar como Lobato sempre tenta enfatizar em suas histórias a importância da criança.

Pode-se dizer que os personagens que Lobato criou são um espelho do público que pretendia atingir. O autor consegue criar uma base familiar, um cotidiano introduzido pelo maravilhoso, mas ainda assim contendo toda naturalidade do mundo real. Lobato criou personagens, como Pedrinho e Narizinho, com características das crianças às quais direcionava seus livros: crianças comuns, encantadas por histórias, por aventuras, com curiosidade de resolver mitos brasileiros. A partir de suas aventuras, adquirirão novos conhecimentos, mas tendo liberdade para a resolução dos problemas que apareciam e de ter seus pensamentos reflexivos para solucionar os problemas surgidos. (NUNES, 2004).

Dona Benta, outra personagem, a avó do Sítio, dizia sobre a liberdade das crianças:

Por que para o homem o clima certo é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vêm a tristeza, a aflição, desespero e a decadência. O melhor exemplo disso temos lá em casa. Como dou a vocês máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento a inventar e realizar tremendas aventuras. Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do “não pode” – não pode isso, não pode aquilo, sem dar as razões do não pode - vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam. (LOBATO, 1969, p. 21 apud NUNES, 2004, p.219)

Por outro lado, as histórias que se passam no sítio, cheias de mistérios, fantasias e aventuras, mesmo tendo características de um universo ficcional, ao mesmo tempo também apresentam características pedagógicas. O autor, através de seus personagens, cria um novo método de ensino, mas não apenas centrado nas

crianças, Narizinho e Pedrinho. O autor divide entre seus personagens diversos conhecimentos: Dona Benta é a personagem responsável por intermediar esses conhecimentos. Por meio das histórias e aventuras do sítio, ela representa o senso comum; a ciência é representada por Visconde de Sabugosa; a filosofia por Emília. Através desses saberes, seus próprios personagens conseguem solucionar os problemas pelos quais passam em suas aventuras, assim reconhecendo a importância desses elementos pedagógicos. E, com esses aspectos, aproximando a literatura lobatiana de um cenário mais pedagógico. (NUNES, 2004).

Monteiro Lobato faz estar presente em sua Literatura Infantil, durante os anos de 1930, uma nova forma de auto educação designada ao público infantil. Suas obras apresentavam elementos como língua portuguesa, matemática, geologia, história, fábulas, literatura e astronomia, conhecimentos que, para Lobato, eram de suma importância para a educação infantil e infanto juvenil. Ele gerava com seus personagens uma ligação entre a educação com adultos e crianças, em seus textos. Segundo Nunes (2004, p. 218), entre as obras do período de 1930, pode-se destacar:

Memórias de Emília (1936), Viagem ao céu (1932); História do mundo para crianças (1933); Emília no País da Gramática (1934) e a reedição de Reinações de Narizinho e de Fábulas (1934); Aritmética da Emília e História das Invenções (1935); Dom Quixote das crianças (1936); Serões de Dona Benta: lições de física e astronomia, O Poço do Visconde e Histórias de tia Anastácia (1937); O Minotauro (1939).

A menina do narizinho arrebitado é um bom exemplo de uma das obras de Monteiro Lobato que tem várias características pedagógicas, mas que, em vez de afugentar o leitor, prende-o. Por mais que seus livros continham esses elementos didáticos, o autor não tinha como motivação principal educar, sem divertir as crianças. (KRANJCINA, 2020).

Monteiro Lobato, com sua grande revolução e postura inovadora em relação à criança, entendia que ela é um ser inteligente e capaz de análise crítica, e não somente um adulto em miniatura, com era classificada. Em seu texto, o autor escreve sobre a criança “sem coleiras”, concedendo a ela um papel de transformação.

Quando se pergunta à Emília, em Fábulas (1958:63), qual o segredo do Sítio, ela responde: "O segredo do Sítio, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundo". (PEREIRA, 2020, p. 6).

Mais uma vez, por meio de suas histórias, o autor expressa como vê o mundo e como queria que o mundo realmente fosse. Também deixa explícita a importância da liberdade.

Monteiro Lobato oferece em suas obras infantis o que sabia fazer de melhor, "sua irreverência, suas histórias criativas e emocionantes, seu conhecimento instigador, seus personagens imprevisíveis, sua eterna mistura entre o real e o imaginário e sua crença na liberdade". (ESCOSTEGUY, 2006, p.5)

CAPÍTULO 3- PERSONAGENS

Este capítulo tem como propósito apresentar e caracterizar alguns dos personagens criados por Monteiro Lobato em suas obras para o público infantojuvenil. Os personagens inventados por Lobato ficaram conhecidos por gerações em diversos países, principalmente depois que a saga “O sítio do picapau amarelo” ganhou as telas da televisão.

3.1 Caracterização de alguns personagens

Entre todos os seus personagens, Emília é um dos mais famosos. Ela é a boneca de pano à qual Monteiro Lobato resolve dar vida em seus livros. A boneca é criada por Tia Anastácia e se torna o brinquedo de preferência de Narizinho. A personagem é caracterizada por possuir uma gramática própria e apresentar um amplo conhecimento no desenvolvimento da ciência. Em suas aventuras, Emília oferece opções e soluções, às vezes meio atrapalhadas, para os problemas que surgem. Ela é dominadora e individualista. Lobato deu à boneca um espírito líder, diferente dos demais personagens: ela está sempre obstinada a querer saber as coisas, expor seus pontos de vista e suas opiniões. Sua curiosidade se dispersa em tudo.

As características inseridas no personagem de Emília por Lobato a identificam como um ser pensante, inquieto, cheio de perguntas e perturbador. Mas uma boneca livre, dona de si e de seus atos. Uma boneca que está sempre à procura de mais conhecimento, pelas experiências adquiridas através de cada inquietação, de alguém que quer sempre saber mais. (NUNES, 2004).

Conforme Campos (1986, p. 141)

Emília exerce seu poder através da ação. O poder de Emília é originário de suas ideias, de sua ousadia, e de seu empreendimento e ação. Ela é a própria imagem do indivíduo empreendedor, apto e esperto, que para Lobato identifica aqueles que são capazes de vencer na competição pela vida.

Portanto, através de Emília, personagem a qual Monteiro Lobato deposita um lado maior de imaginação e ficção, ele expressa os pensamentos mais absurdos e

despojados que tinha. Justamente por não ser humana como as outras crianças e sim uma boneca, ela não devia satisfação a ninguém, pois não precisava seguir as regras de conduta como todos. (SANTOS, 2010).

Em Memórias de Emília, Lobato a usa como protagonista, justamente por ser conhecida por dizer o que pensa, e através dela faz uma reflexão sobre as escritas literárias existentes:

- Bem sei – disse a boneca. Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura. Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com ideias tão filosóficas (LOBATO, 1973, p. 4).

Outro personagem admirado pelos leitores é o Visconde, um sabugo de milho, o qual também foi costurado por Tia Nastácia. "Seu figurino é composto pela cartola, bengala e fraque, condensando uma ostentação da forma de vestir das elites brasileiras tradicionais". (SANTOS, 2010, p. 45).

O sabugo tem o conhecimento científico vivo dentro de si, contrapondo-se aos outros personagens do universo lobatiano em relação ao saber popular, mitos e crendices. Visconde é muito inteligente, considerado o cientista do Sítio. Mas todo o seu conhecimento advém de livros que ele “devorava”, por isso entendia sobre qualquer assunto que surgia. (NUNES, 2004).

Lobato, em uma passagem, descreve como Visconde aperfeiçoava seus conhecimentos científicos

O Visconde havia encontrado uma trigonometria velha, que pertencera ao cônego Encerrabodes..., tamanha foi sua satisfação que arrancou o livro dali e saiu de braço dado com ele para um passeio pelos corredores. E por lá ficaram até o dia seguinte, a conversar sobre “senos” e cosenos. (LOBATO, 1971, p. 220 apud NUNES, 2004, p. 222).

O saber científico do Visconde é sempre valorizado e usado como um meio para resolver os problemas que surgem nas aventuras escritas por Lobato em seus livros infantis.

Narizinho, diferentemente de sua boneca Emília, já é caracterizada por sua boa educação e disciplina. Lúcia, seu verdadeiro nome, demonstra comportamento de característica feminina infantil, como exemplo a ser seguido. Narizinho é uma criança que respeita os mais velhos, mesmo sendo uma personagem que vive no

universo mágico, segue uma boa conduta e é disciplinada. Ela não parte de comportamentos impulsivos para resolver os problemas, escolhe a opção de resolver através do diálogo. (SANTOS, 2011, p. 91).

Em uma passagem escrita por Lobato é possível ver a atitude dócil de Narizinho, quando não questiona a fala de Dona Benta, enfatizando seu respeito pelos mais velhos:

- Bravos, vovó! Aplaudiu Narizinho. A senhora botou nessa fábula duas belezas bem lindinhas.
- Quais, minha filha?
- Aquele “ouviu latir ao longe o perigo” em vez de ouviu latir ao longe os cães; e aquele ‘pastou a benfeitora” em vez de pastou a moita. Se Tia Nastácia estivesse aqui, dava à senhora uma cocada.
- D. Benta riu-se.
- Pois essas “belezinhas” são uma figura de retórica que os gramáticos xingam de *sinédoque*... (LOBATO, 1970, p. 24 apud PINA, 2008, p. 6).

Já o menino Pedrinho é um personagem que sempre demonstra coragem em seus atos. Sua livre iniciativa e seu lado empreendedor fazem com que ele tenha uma imagem de criança livre, sábia e que forma seu próprio pensamento crítico. O menino sempre está disposto a realizar qualquer afazer. É o único personagem com características de ter nascido na cidade; ele está à frente da maioria das aventuras escritas por Lobato. (SANTOS, 2011).

No livro *O Saci* (1921), Lobato caracteriza a coragem e esperteza de Pedrinho. O exemplo disso é quando o menino decide caçar na mata virgem:

- Vovó, eu ando com a ideia de ir caçar a mata virgem. Dona Benta, ali na sua cadeirinha de peras cotós, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.
- Não sabe que naquela mata há onças? - disse com ar sério.
- Certa vez, uma onça pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da vaca mocha.
- Mas eu não tenho medo de onça, vovó - exclamou Pedrinho fazendo o mais belo ar de desprezo.
- Dona Benta riu-se de tanta coragem.
- Olhem o valentão! Quem foi que naquela tarde entrou aqui berrando com uma ferretoada de vespa na ponta do nariz?
- Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego - mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho; e outra...
- Chega! - interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. Mas, além de onças, existem cobras. Dizem que até urubus há naquele mato.
- Cobra? e Pedrinho fez cara de pouco caso ainda maior: Cobra mata-se com um pedaço de pau, vovó. Cobra!... Como se lá eu tivesse medo de cobra...
- Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:
- E há aranhas caranguejeiras, daquelas peludas, enormes que devoram até filhotes de passarinhos.

O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.
- Aranha mata-se assim vovó - e seu pé parecia mesmo estar esmagando várias aranhas caranguejeiras. (LOBATO, 1972, p. 21-22 *apud* SANTOS, 2011, p. 99).

Mais uma vez, é possível ver como Lobato procura evidenciar as características mais fortes de seus personagens, como a coragem, que era umas das mais marcantes de Pedrinho.

Ao mesmo tempo em que, em suas histórias, Monteiro retrata seus personagens como "crianças-modelo", sem dispensar suas características de infância, Lobato atribui a eles sua vontade de mudar o método antiquado e tradicional. Essa vontade ele expressou em muitas de suas obras, mas em sua literatura infantil enfatizou de uma forma maior. (MAJOLO, 1985 *apud* SANTOS, 2011, p. 100).

Tia Anastácia é a cozinheira do Sítio, mas isso não impede essa personagem de estar envolvida nas aventuras da turma. Lobato a caracterizou com uma negra de que todos gostam. Ao contrário dos outros personagens que possuem algum saber específico, ela é marcada por sua sabedoria que vem de sua vida na prática do dia a dia, tudo que sabe foi através de experiências que viveu. Ela entende que o que ela não conhece, ou não entende, é algo errado. Mas, ao contrário do que possa parecer, essas experiências de vida são muito valorizadas nas aventuras do Sítio. Mesmo a personagem estando em uma figura de empregada negra e mulher, Lobato em suas obras faz estar presente o respeito às diferenças sociais, raciais e culturais. E o mesmo ainda deixa nítido essa valorização: "Tia Anastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é, ignorante propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia." (LOBATO, 1972, p. 98 *apud* NUNES, 2004, p. 220). O conhecimento da Tia Nastácia não é levado como algo inferior aos outros presentes nas histórias, e através desse conhecimento o autor ainda mostra uma valorização ao conhecimento popular no processo de aprendizagem das crianças. (NUNES, 2004).

Em seu livro *Caçadas de Pedrinho*, em duas passagens, Tia Nastácia é comparada a animais, e colocada de uma forma inferior a outros personagens. E nessa obra foram apontados conteúdos racistas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). (NEVES e ZAGANELLI, 2016).

Nestes dois trechos, transparece discriminação pela personagem Tia Nastácia:

— É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena (Lobato, 2016, p. 18);
Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 2016, p. 23).

Por ficarem evidentes essas características racistas, alguns críticos apontaram que esses livros poderiam disseminar o racismo. Além de que, através de sua personagem negra, muitos poderiam se sentir ofendidos, por se verem representados por ela nas histórias. As crianças, que são seu público-alvo, se não tivessem discernimento, sabendo diferenciar o que é certo e errado, poderiam se sentir atingidas por essas questões. Mas, por outro lado, também vale a livre expressão e a liberdade que o autor tem ao produzir seus livros, o que é garantido na Constituição, segundo Art. 5º IX, que afirma: "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença". (CRFB,1988). (NEVES e ZAGANELLI, 2016).

Embora essa questão não seja tema deste trabalho, é importante destacar que Lobato nasceu em 1882, época em que o Brasil estava se livrando da escravidão. Suas obras nas quais apareciam esses estereótipos sobre os negros foram escritas em 1920, período em que foi instaurada a crise econômica e política do sistema oligárquico (República Velha). Nesse tempo, esses estereótipos eram defendidos pela sociedade, já que os negros eram vistos como aqueles que deviam se submeter aos brancos. (BRAGA et al., 2017).

Lajolo (2000), todavia, chama a atenção para outros aspectos da obra de Lobato que se opõem à ideia de que ele seria racista. O personagem do Tio Barnabé, que era negro, não era representado como alguém tratado com desprezo ou preconceito. "Ele também era ex-escravo e era o grande aliado do Pedrinho na caça ao Saci", destaca a autora.

Dona Benta, por sua vez, é uma senhora que vive no Sítio, avó de Pedrinho e Narizinho. Ela é caracterizada por ser uma grande contadora de histórias, por sua inteligência, por ser uma mulher culta, muito sábia, e que também se envolve nas aventuras das crianças. Esse seu lado culto e sábio é concretizado pela forma como ela ensina como ninguém nas histórias, o que pode ser comparado à figura de um

professor, uma figura de professor que o próprio Lobato pretendia criar. Ela partia do conhecimento vindo do senso comum, mas envolvendo mitos e histórias que encantassem e chamassem a atenção do público infantil, fazendo com que, em seguida, as crianças recorressem a conhecimentos científicos e filosóficos, que eram apresentados por ela mesma e pelos outros personagens. (NUNES, 2004, p. 220).

Emília, em uma passagem, na obra lobatiana, descreve a inteligência de Dona Benta:

O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas a diaba! De tanto ver aqueles livros lá do quarto, fico até brincando que bateu o Visconde em ciência. (LOBATO, 1972, p. 98 *apud* NUNES, 2004, p. 220).

Cuca é a personagem bruxa com corpo de jacaré, com cabelos loiros, pertencente ao folclore brasileiro. Essa personagem tem a grande responsabilidade de deixar muitas crianças desobedientes em alerta. Em suas histórias, Monteiro faz duas descrições físicas sobre a personagem. A primeira Cuca é descrita como um ser que "tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões. Quanto à idade, devia andar para mais de três mil anos. Era velha como o tempo" (LOBATO, 2016, p. 157). E, em outra descrição, através de Narizinho: "Foi assim, eu estava com Emília debaixo da jabuticabeira. De repente, uma velha, muito velha e coroca, aproximou-se de mim com um sorriso muito feio na cara" (LOBATO, 2016, p. 184).

Neste capítulo fica evidente que, em cada personagem, Lobato soube inserir um tipo de conhecimento específico. Cada conhecimento é valorizado pelo outro, até mesmo os que não têm origem científica não são vistos como algo inferior. Lobato valoriza até conhecimentos que se caracterizam como mito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, por meio da revisão bibliográfica, buscou responder à seguinte questão: Qual a importância de Monteiro Lobato para constituição da Literatura infantojuvenil brasileira? Quando adulto, a partir de 1920, começou a escrever seus livros infantis. O autor fez uma análise dos textos destinados à leitura infantil de sua época e começou a demonstrar descontentamento com os conteúdos e qualidade gráfica dos livros destinados à criança.

Em um primeiro momento, Lobato observou que os livros eram traduções e adaptações de textos trazidos da Europa para o Brasil. Ele se opunha ao fato de esses livros serem meras adequações e traduções europeias, ou seja, eram histórias que visavam ao público europeu, não oferecendo a mesma adequação com a realidade do Brasil. Outro aspecto observado por Lobato era de que autores brasileiros que produziam seus livros no país apresentavam um Brasil irreal; além de demonstrarem uma forte devoção à pátria, ofereciam valores morais e cívicos. Para Lobato, esses livros não eram apropriados à infância devido a diversos elementos, sobretudo por não terem fantasia e ludicidade.

Para suprir essa necessidade, Lobato começou a produzir livros infantis inovadores em diversos aspectos: a forma de tratar a criança era um deles. O autor elaborou histórias próprias para o entretenimento das crianças, utilizando elementos que a elas interessavam.

Monteiro Lobato soube reconhecer a singularidade das crianças e, para seduzi-las a lerem seus livros, utilizou elementos que eram pertencentes à infância, como a ludicidade e a imaginação. Mas, ao mesmo tempo, reconhecia o poder que os livros tinham de educar através das histórias. Entretanto, não concordava em imprimir regras e valores sociais que buscavam transformar a criança em pequenos adultos.

Ao contrário disso, sua forma de educar em seus livros infantis era permeada por conteúdos científicos, que, para ele, eram considerados muito importantes à criança. Por isso decidiu escrever livros carregados de brincadeiras, imaginação e fantasia, porque, dessa forma, os conteúdos escritos por ele se tornariam mais interessantes e mais apropriados e significativos para a criança.

Os conteúdos científicos inseridos em suas histórias tinham relação com a vida social do leitor, permitiam uma atuação na vida prática científica de forma

consciente. Dessa forma, o autor buscava educar a criança, para que ela tivesse um conjunto de conteúdos científicos que realmente a auxiliasse a resolver problemas vividos em seu dia a dia.

Por isso, quando Lobato criou a história do Sítio em uma série composta por 23 volumes, criou também sua própria escola, de um modo, que para ele esse era o modelo adequado de escola e ensino. Através de sua personagem Dona Benta, fez dela uma educadora do Sítio. Em nenhum momento, a educação que essa avó transmitia às crianças tinha como objetivo que elas se desenvolvessem com características de adultos. Ela os ensinava utilizando recursos adequados às crianças; o autor se importava em deixar esses elementos sempre claros em suas histórias.

Ao relacionar a figura criança aos seus personagens infantis, são modelos de crianças. Pedrinho, Narizinho e Emília estão sempre no centro de todas as aventuras, acontecimentos do Sítio. As histórias desse Sítio são movidas graças às buscas, às soluções incessantes daquilo que fosse do interesse de Pedrinho, Narizinho e Emília em solucionar. Eram personagens felizes, justamente por serem crianças, mas que, durante as histórias, poderiam apresentar temperamentos diferentes, como esbravejar, questionar, aspectos característicos das crianças.

Monteiro Lobato vivia no período em que a criança era vista como um adulto em miniatura, era enxergada de acordo com a concepção de infância em vigência. Nessa concepção, a criança era apenas cuidada até que pudesse ajudar no trabalho, junto com os adultos. Até mesmo suas vestimentas eram iguais às dos adultos, mas isso foi mudando ao longo dos anos e também influenciou as obras de Lobato.

A partir de seu livro *Reinações de Narizinho* (1920), fica evidente que o autor mudou sua forma de conceber a criança. A partir de então, inova a literatura infantojuvenil, dando um novo aspecto à escrita de livros infantis. O autor também se importou em trazer uma linguagem mais próxima à própria nacionalidade. Inseriu em suas histórias o folclore brasileiro e elementos que considerava como um dos aspectos principais para uma literatura adequada a crianças, para que a criança pudesse usar sua imaginação e, ao mesmo tempo em que fosse aprender, se divertisse. Por isso, a suma importância desse autor para a constituição literatura infantojuvenil brasileira.

REFERÊNCIAS

- Braga, Mirian. et al. **A LINGUAGEM LOBATEANA E SUA CO-RELAÇÃO COM A SOCIEDADE: RETRATO OU VOZ?** III Seminário Científico da FACIG, Sociedade, Ciência e Tecnologia. 9-10. novem. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/389-1495-1-PB.pdf> Acesso em: 28 out. 2020.
- CADEMARTORI, L. **O que é a literatura infantil?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: Uma leitura de Monteiro Lobato.** São Paulo: Martins Fontes, 1986. 175 p.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo.** 4 ed. Ática, 1991.
- DEBUS, Elaine S. D. **O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores.** 2001. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2001.
- ESCOSTEGUY, C.C. **Literatura de Monteiro Lobato.** Canoas RS, 2010. Disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/CILLIJ/praticas/Literatura_de_Monteiro_Lobato.pdf Acesso em: 01 set. 2020
- KRANJCINA, Stefania. **Monteiro Lobato e a Literatura infantil brasileira.** 2020. Tese (Mestrado em Letras), Universidade de Zagreb. Zagreb.
- LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida.** São Paulo: Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias.** 6° Ed. São Paulo: Ática, 1984.
- LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília.** Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2007.
- LOBATO, Monteiro. **O Saci.** 3 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016
- MARTINELE, L. **Monteiro Lobato e a educação: da crítica à produção de uma nova literatura infantil brasileira.** Dissertação (Pós-graduação em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.
- MELO, Denilza, MULLER, Hofélia. **Monteiro Lobato e o sítio do pipapau amarelo nas práticas pedagógicas de alfabetização: a travessia histórica de 1930 ao universo contemporâneo.** 2017. Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Posse. Goiás.

NEVES, Júlia; ZAGANELLI, Juliana. **O RACISMO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO.** rdl- Rede Brasileira Direito e Literatura, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows/Downloads/206-645-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Windows/Downloads/206-645-1-PB%20(1).pdf)

Acesso em: 10 out. 2020.

NUNES, L.A. **A literatura infantil de Monteiro Lobato e o ideário escolanovista.** Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4, n. 2, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows/Downloads/94-Texto%20do%20artigo-337-1-10-20041126%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Windows/Downloads/94-Texto%20do%20artigo-337-1-10-20041126%20(3).pdf) Acesso: 22 set. 2020

PEREIRA, Maria. **A Barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: origens da literatura infantil brasileira.** 2010. 32º Congresso internacional de IBBY. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio Janeiro.

PINA, Patrícia. **NARIZINHO E EMÍLIA: representações de cenas de leitura e construção do perfil da leitora novecentista na obra infantil de Monteiro Lobato.** XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, São Paulo, 13-17, jul.2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/conq2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/PATRICIA_PINA.pdf Acesso: 28 out. 2020

SANDRONI, Luciana. **Reinações de Narizinho.** 3º Ed. São Paulo: Globo, 2016.

SANTOS, Elisângela. **As personagens infantis lobatianas formando um brasil futuro.** 2010 UNESP- Universidade Estadual Paulista. Paraíba

SANTOS, Elisângela. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação.** Ed.Unesp, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.